

Arte e
Cultura Surda

Art and Deaf Culture



Devil's hands

A ARTE SURDA DE BILLY SAGA

Hugo Eiji¹¹²

Em um espaço dedicado à promoção das *Artes Surdas*, trazer à tona as obras de Billy Saga é pôr em conversa as definições (e indefinições) que revolvem esse terreno. O que é Arte Surda? Quem as produz? Para espanto de alguns, Billy Saga (como é mais conhecido o paulistano Willian Coelho) é ouvinte – e dessa condição, a de artista não-surdo a produzir Arte Surda, desenredam-se novos olhares.



Foto: artesda.gov

A ligação de artistas ouvintes com as Artes Surdas não é de hoje. Já no final da década de 1980, dias antes do início da primeira edição do *Deaf Way Festival* (um dos mais emblemáticos festivais de arte e cultura surda do ocidente), um grupo de artistas surdos reuniu-se na Gallaudet University, nos

¹¹² Mestre em Ciências da Cultura pela Universidade de Lisboa e em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (ECA-USP) e em Pedagogia – Educação de Deficientes da Áudio-comunicação – pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Estados Unidos, para discutir as bases do Manifesto De’VIA – uma declaração pública sobre o que acreditavam ser, àquela altura, as produções intituladas como De’VIA (DeafView/ImageArt, ou Arte Surda, em tradução livre).

O texto, redigido e assinado por artistas surdos como Betty Miller, Chuck Baird e Paul Johnston, reiterava (e ainda reitera) que as Artes Surdas/De’VIA “*podem ser também criadas por artistas ensurdecidos ou ouvintes, se a intenção é criar uma obra que nasça de suas experiências surdas*” (trecho retirado do manifesto, tradução nossa). Tendo o Manifesto como lastro, afirma-se aqui, neste texto, que as Artes Surdas não são caracterizadas exclusivamente pela identidade daqueles que as produzem, mas se definem, sobretudo, por aquilo que expressam – a saber, as diferentes experiências surdas (em toda a sua dimensão cultural, política e histórica).

Entende-se Arte Surda, então, como aquela que revela, direta ou indiretamente, em diferentes suportes e por diferentes linguagens, questões ligadas às culturas e às comunidades surdas, independentemente da condição física/sensorial e da assumpção identitária daquele que a produz. Decorre disso que nem todo artista surdo produz Arte Surda, e que nem toda Arte Surda é feita por sujeitos surdos.

Com tal definição posta em contexto, voltemos à lida de Billy Saga. De forma potente e poética, suas obras retomam diversas experiências surdas e com elas dialogam, trazendo à baila, por meio de belíssimas metáforas, algumas das principais lutas e bandeiras das comunidades surdas.

O engajamento em causas sociais há muito acompanha o artista: rapper e artista, Billy Saga é hoje um dos mais combativos militantes pelos direitos das pessoas com deficiência no país, e seu trabalho, por toda a sua trajetória, acena como “uma verdadeira bandeira hasteada à resistência, capaz de sensibilizar e provocar uma espécie de consciência coletiva acerca da fundamental reflexão sobre o dever de combate à exclusão social, historicamente ressaltada pelo racismo, preconceito e violência às minorias desfavorecidas” (retirado de seus site oficial). E em razão de sua militância, de suas articulações locais/globais e de seu envolvimento com numerosos projetos, o contato de Billy com grupos surdos foi aos poucos se intensificando, ganhando novos contornos e resultando nas produções que aqui se apresentam: uma série marcante de Arte Surda.

Nessas obras, o artista faz uma contundente denúncia contra algumas das opressões que afligem (e que historicamente afligiram) o povo surdo. Ao usar a arte como enfrentamento ao ouvintismo (recorrendo a referências ao Congresso de Milão, à proibição das línguas de sinais, aos cativeiros impostos

pela falta de acessibilidade, etc), Billy se alinha a artistas surdos De’VIA contemporâneos como Arnaud Balard (França), HindaKasher (EUA), Rudolf Werner (Alemanha), JiayiZhou (China), por exemplo. Em território nacional, assim, a riqueza dessa arte emerge também de mãos ouvintes que – lado a lado com pessoas surdas – dão novas cores ao Deaf Pride/Orgulho Surdo.

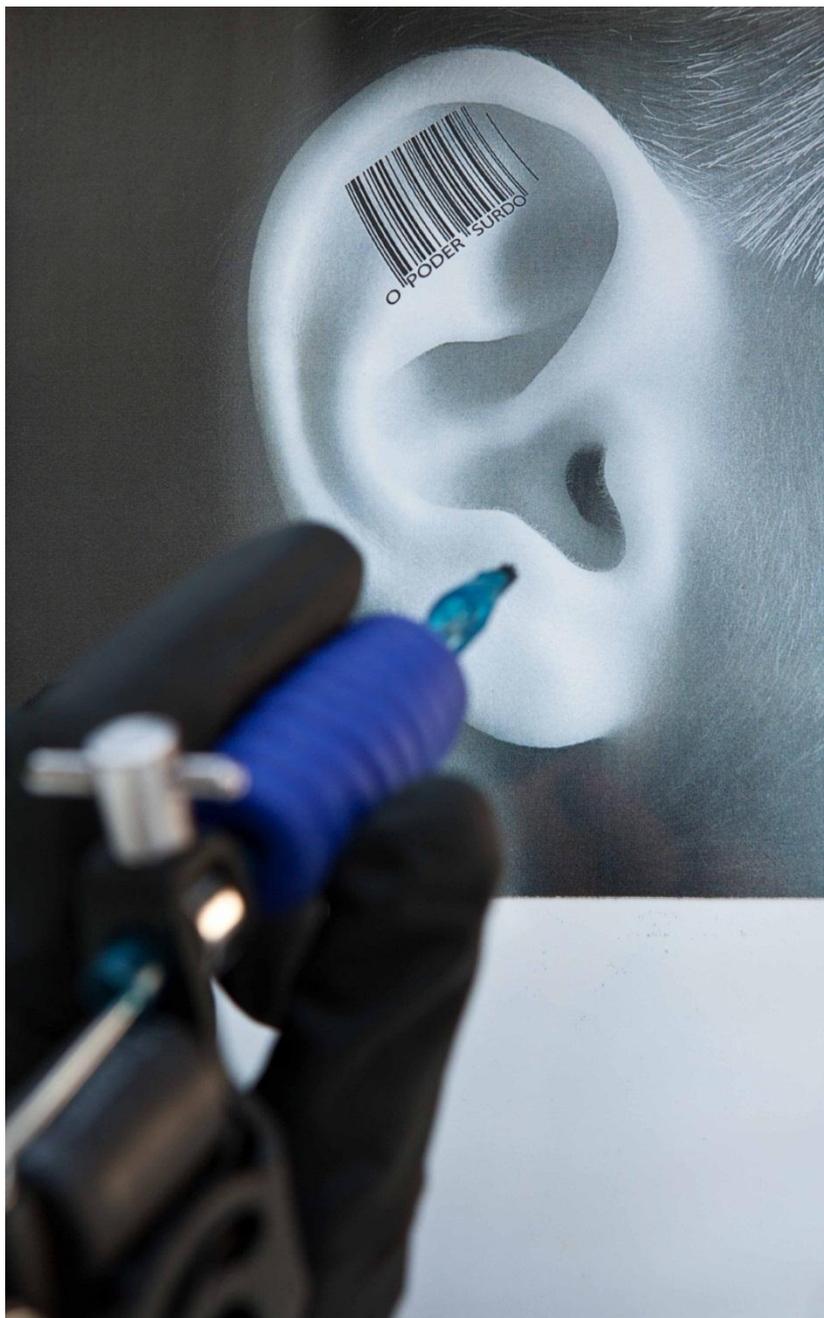
E para que sejam acessíveis ao maior público possível para fazer jus à sua luta pelos direitos das pessoas com deficiência, as obras De’VIA de Billy Saga (em geral táteis) são comumente acompanhadas por textos em Braille, audiodescrição, legendas e, claro, apresentações em Libras, como aconteceu em sua exposição intitulada “8”, realizada há alguns anos em São Paulo. Nela, as experiências e resistências surdas foram partilhadas por meio de diferentes sensórios, em diferentes registros.

Que as obras de Billy Saga incentivem mais e mais artistas ouvintes a se somarem às lutas surdas – seja por qual meio for – criando novas tessituras à valorização e à promoção da “surdidade” brasileira e fazendo coro aos sinais que reivindicam os direitos do povo surdo.

BILLY SAGA | OBRAS



Título: Bug Fire



Título: Deaf Ink



Título: Amplifilmando



Título: Mãos que falam



Título: Efeito Borboleta



Título: Freehand



Título: Milão 1880



Título: Librascídio



Título: Salada Russa